



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI—N.º 407—Preço 1\$00  
17 DE OUTUBRO DE 1959

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO \* PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA \* DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA \* AVENÇA \* QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## NÃO

Julgue, pela longa história que deve ter ouvido do B., que este rumo de vida é privilégio de tarados. Eu não vim práqui à toa nem levado por aventuras romancescas. Pensei muito antes de o fazer. Já lhe disse que nos meus últimos dois anos d'África comprometi severamente a minha consciência.

Pois bem, tendo a consciência doente necessário se tornava curá-la, não é verdade? Procuram-se remédios para os males do corpo; eu próprio fui a Caldelas tratar dele—e como curar a alma? Tratei de



Pai Américo, Carlos e o Avelino

pôr em jogo o meu raciocínio e critério. Lembro-me muito bem que, em muitos casos a resolver na minha ex-vida prática, como possuo uma cerebração muito limitada, reduzia sempre os problemas às unidades mais simples e assim ia prosseguindo até os realizar. Pois bem, no meu actual caso usei o mesmo processo. Doente da alma, devia procurar remédio de feição moral e o melhor de todos pareceu-me ser juntar-me a uma sociedade sã. Note bem; não me satisfazia juntar-me a gente boa porque isso tenho eu feito toda a minha vida e o resultado não deu o que eu desejava. Juntar-me a gente boa era sem dúvida um bom paliativo, mas se a um bom a quem me juntasse havia sempre 10 maus com quem tinha de conviver, estavam as forças destruídas. Uma sociedade de gente sã, era o que se me afigurava cura radical. Assim, pra qualquer lado que me voltasse havia de ter sempre gente mais ou menos sã — e procurei executar o meu plano. Fi-lo, saído de casa no mais rigoroso incógnito, a caminho d'África, pra todos os efeitos. Vê nisto doidice?? Chego aqui com a resolução firme e premeditada de estudar a vida dos frades e os efeitos das relações íntimas com Deus. Não fique com a impressão de que me aclimatei a isto desde o primeiro dia. Não. Ainda hoje o sacrifício é grande e sinto muito a mudança brusca dos hábitos e costumes que tinha; mas vamos ao caso da cura da alma. Na vida colectiva e individual dos frades, começo a observar que as condições humanas emergiam aqui e ali, em cousas de pouca monta, mas ainda assim o bastante para me impressionar. E então sofria loucamente. Mal por mal antes me que-

## MARÉ CHEIA

ro lá fora, dizia eu. No segundo ponto da minha questão, isto é as impressões da vida íntima com Deus, desenrolavam-se fenómenos altamente extraordinários e ainda hoje incompreensíveis e naqueles primeiros meses andava seriamente «entupido» com o caso. Havia então, há ainda hoje, qualquer coisa que me segura nos dias de maior ansia e desespero. Não sei do que se trata nem posso explicar, mas sinto e isso cala-me: Aqui pode você ver qualquer coisa de doido, mas creia que não estou maluco. Tenho todas as minhas faculdades mentais tão aguçadas como as tinha lá fora. Tenho o meu raciocínio muito límpido, vejo claramente tudo o que deixei, sei para onde vou e o que quero e o caso é que vou ficando muito melhor da minha alma. Parece pois que acertei com o remédio, e não se pode dizer que seja doido quem fez tal descoberta. E com o bem estar por vezes indizível que sucede às «conversas» íntimas com Deus; com isto que por vezes nos enche de tal forma o espírito que nos obriga a ler o nome d'Ele em tudo que nos rodeia, veio ainda luz ao meu raciocínio para resolver a questão dos erros encontrados na vida individual e colectiva dos frades e assentei nisto: Não há esfera de vida como esta pra todo aquele que desejar lapidar a alma e ensinar aos outros como ela se lapida. Vê aqui doidice?? E agora, meu caro S., não diga mais que me quer ver restituído. Muito pelo contrário, deseje que eu tenha forças e coragem para

continua na quarta página

## A LUZ COMEÇA A BRILHAR!...

### Que

fosse somente por confraternização... e seria razoável o nosso encontro anual: padres da rua e rapazes que mais de perto comungam em sua missão nas várias Casas da Obra. Porém, a intenção destas reuniões é mais profunda: incrementar em nós o espírito de universalidade e de unidade, já que universal e una é a Santa Igreja, da qual a «Obra da Rua» não é, nem aspira ser, senão serviço — um serviço útil no plano modesto e contingente que Deus lhe haja traçado.

Foi nesta mente que cada padre da rua partiu de sua casa mais os seus maiores, depois do Mistério Eucarístico da última 1.ª sexta-feira em que ocorria a Festa dos Santos Anjos da Guarda. O destino era Miranda do Corvo, a Casa-Mãe onde a «Obra da Rua» nasceu com aquela estabilidade que, por graça de Deus, conserva ainda no vigor proporcionado aos seus 19 anos saudáveis.

Os três que estivemos presentes na primeira destas reuniões, em 1 de Agosto de 1950; os muitos mais que estivemos na segunda, dia de Nossa Senhora das Graças de 1957 — pudemos observar de perspectiva distante, quanto temos crescido, quanto temos amadurecido.

Os testemunhos de alguns dos nossos rapazes traziam tons carregados de pessimismo, que é insatisfação. Um deles disse mesmo que não achava razões para optimismo, enquanto as coisas não chegassem ao acerto ideal.

Eu disse que não e ainda aqui mantenho o meu testemunho: um realismo optimista é a nossa verdadeira posição.

Em Miranda do Corvo, gastamos 24 horas, cheias, revendo alguns pontos fundamentais da nossa espiritualidade e alguns problemas concretos da nossa acção. Tudo vistas de perto, onde as manchas de imperfeições e infidelidades tomam realce.

Mas, quando chegados ao termo, recuámos e vimos o panorama total — compreendemos quanto o desgosto do menos e a ansia do mais é a insatisfação do mais já conquistado, com o seu valor objectivo, real, porém não tanto quanto poderia, por conseguinte deveria ser. Dos lábios irrompeu o sentimento dos nossos corações, consequente à luz que a discussão acendera em nossas inteligências:

«Bendito sejas, Deus, pela imensidão das Tuas graças, que nós reconhecemos e confessamos. Que elas sejam estímulo a abrir-nos para todas as que queres e tens para nos dar».

★

Foi uma reunião fraterna, não um congresso, posto um dos nossos, em carta, me tivesse falado no «II Congresso Nacional da Obra da Rua». Altissonâncias, erudição, discursos — seriam inimigos do clima íntimo, simples, em que abrir-nos para dar e receber fosse uma necessidade quase vital — como acontece abrirem-se os moluscos por força do calor.

Graças a Deus este calor foi. E a necessidade quase vital de nos abrimos, também.

Cada um dos que teve de falar, fê-lo por testemunho. Se lia, era, apenas, porque incapaz de dizer de cor o fruto da sua meditação sobre o tema proposto.

De resto, não havia que recear. Nós queríamos que aquela assembleia fosse Cenáculo em dia de Pentecostes. Invocámos o Espírito Santo. Maria, nossa Mãe e Rainha, tomou a presidência em Sua imagem. Por certo o Espírito não deixou de sombrear Maria para que nos desse Cristo, o Mestre procurado, porque só Ele Luz, Verdade, Caminho, Vida, Pão... — só Ele Salvador.

continua na página dois



# A Luz começa

continuação da página um

E Pai Américo também a presidir; a vigiar; a guardar. Feliz. Agora, sempre feliz, sem mais possibilidade de o não ser.

Naquela hora, ali, com este calor familiar, quem poderia não ser simples, ansioso de virtude, pesaroso da mesquinhez — e, sobre todas as condições, feliz, necessariamente feliz, daquela felicidade necessária no Cenáculo?!

★

O itinerário da nossa reunião foi essa carta preciosa de Pai Américo que aqui ao lado se dá em estampa, que nós quiséramos fosse alto-relevo.

4 de Abril de 1924 — Há poucos meses de Américo tinha partido «a caminho d'Africa, pra todos os efeitos» — julgava o mundo. E ele postulante na comunidade franciscana de Villariño de la Ramalhosa, não longe de Vigo... Só o seu irmão Padre José e o grande Amigo, destinatário desta carta, sabiam o seu paradeiro. Este não se conformara. Protestava razões, que ainda por muitos anos havia de não compreender. O postulante Américo procura fazê-lo comungar na inteligência da sua resolução, que nem por chocar em mistério (A vocação é sempre mistério!), deixa de ter representação em coordenadas de bom senso. E — sem disso ter consciência — traça o plano magnífico da sua vida sacerdotal. Ela toda, toda a sua espiritualidade, tão purificada no cadinho da contradição, aqui se acha, já, em germe.

Tão simples; tão de senso prático; tão humano; tão interior (Sempre!, apesar de uma vida quase turbilhonar); tão apaixonado da Pobreza, da Confiança Providencial: tão gostoso de dar e dar-se ao bem das almas (Sempre das almas!, nem que os corpos aparecessem no primeiro plano!) — o Pai Américo que nós conhecemos e já se adivinha no postulante Américo, que não chegará sequer a professor e tão penosamente será padre, para realizar em plenitude a vocação do padre: Pai!

Que melhor programa poderíamos encontrar para a nossa reunião? Tantos de nós partimos também de um estado de consciência menos sã... E quantos teremos tido a coragem de procurar diligentemente o remédio e de o aplicar até «a cura radical», por muito amargoso que ele seja?! Seguindo pari passu a vida de Pai Américo depois de 1924, quantos não devemos temer pela dele, a nossa vida?! Eis um caminho de reforma individual que nos impõe a nossa responsabilidade de cristãos e de membros activos na «Obra da Rua».

E colectivamente, não haverá também exigências de reforma?

O emblema da nossa Obra tem por legenda «Santuário de Almas». Serão as nossas Casas aquela «sociedade sã» que a Pai Américo «se afigurava a cura radical» e que nós devemos oferecer, como remédio eficiente, aos rapazes de alma definhada, que pelo tempo em fora vierem procurar-nos?

Por muito perfeita que já fosse a realização desta «sociedade sã», seria estulto pensar que ela não é perfectível e nosso dever estrito aperfeiçoá-la.

Eis o tema central da reforma colectiva a estudar para emprender.

★

Ensina o Evangelho que o dia é o tempo de caminhar; não as trevas. Convinha, pois, antes da partida, acender bem alto e bem intensa a luz do nosso ideal.

É certo que a Obra possui um valor próprio que Deus lhe conferiu de acordo com a sua natureza e fins. Porém, sendo Ela um serviço da Igreja, não necessário (quero dizer: a Igreja subsiste e realiza-se sem a Obra), sofre uma certa dependência dos seus obreiros. Em determinado sentido podemos dizer que estes A fazem e que a Obra vale (ou rende, em certo momento) o que eles valerem.

Tomemos aquela posição de sadio realismo que dissemos ser a nossa, logo no início destas regas. Em verdade, não nos podemos negar um valor real que é pela graça de Deus e que tem prestado serviços estimáveis aos homens do nosso tempo: pobres e ricos; cultos e incultos; crentes e descrentes.

Mas o brilho próprio da Obra, que resulta da sua natureza e fins, divino-humanos, também reflecte sobre os obreiros e faz-nos aparecer, às vezes, para além do nosso valor real, com um valor de mito que o Povo nos atribui, sem correspondência ou merecimento nosso. Ora o mito enraizou-se ainda mais após a morte de Pai Américo. Já não é um mito-pessoal como muitos julgavam; mas um mito funcional. Quero dizer: A Obra da Rua, por força do seu valor próprio, divino-humano, fez do Padre Américo Monteiro de Aguiar o Pai Américo; e continua conferindo uma aceitação muito singular (embora nunca tão nominal) aos padres da rua e mesmo aos seus rapazes.

Se Deus permite, contra a expectativa da maioria (e mesmo para além da nossa) que o mito se conserve — não será uma indicação de que nós temos de trabalhar por converter o mito em realidade, procurando valer mais do que realmente já valemos, a caminho daquele grau que os homens pensam de nós e parece ser o que Deus quer de nós?!

É um tema fundamental e sedutor, que a voz autorizada e sempre querida do nosso Bispo nos propôs, em Beire, quatro dias antes de Pai Américo ir para o Céu. Coube a Padre Acílio dizer-nos a sua meditação.

★

A maneira de conclusão prática do tema desenvolvido, Daniel falou da Verdade, valor absoluto que deve nortear a nossa conduta. Urge pôr a vida em conformidade com o que Deus espera de nós. Não importam os prejuízos que os pré-juízos do próximo nos possam trazer. «Milícia é a vida sobre a Terra» — diz a Escritura. A vida de Pai Américo é luz para nós.

Obediência. (Padre Manuel António).

4.º — A ascensão não é obra de um só. (E mais, no caso, trata-se de uma ascensão colectiva: o melhor rendimento da Obra da Rua por via de mais frutuoso trabalho dos seus obreiros!) Além da auto-confiança, precisamos de confiar e de nos abirmos à colaboração mútua com aqueles que Deus nos deu por

comungar responsabilidade numa Obra que é deles, para eles e deve ser (e cada vez é mais, graças a Deus!) por eles.

O Júlio disse da grandeza e das dificuldades da união dos chamados a postos de comando, e enumerou algumas condições exigidas para a conseguirmos:

a) confiança em Deus, de Quem a Obra é e para Cujas glórias, primariamente, ela é.

b) Confiança em nós mesmos, em razão de chamamento.

c) Confiança uns nos outros, porque todos chamados por Deus a realizar a Sua Obra, impossível a cada um, isoladamente.

7.º — Como estabelecer a unidade indispensável à criação da

## a brilhar!...

Ele não temeu, nem se desviou da contradição. Foi muito amado e muito combatido. Fiel ao seu caminho, acabou sempre por vencer o «bom combate», jámais interrompido desde aquele dia em que viu e decidiu a «cura radical».

Não pode ser diferente a nossa atitude, custe o que custar, se queremos ser dignos dele.

Posta a luz sobre o candeeiro, para não errarmos, fomos seguin-

companheiros de jornada, contando que eles e nós não somos homens ideais. Portanto há que alargar o espírito para somarmos as nossas virtudes sem tropeçarmos nos defeitos próprios e alheios (Zé do Porto, que deseja e se prepara para o sacerdócio, tratou deste ponto, que só com muita renúncia se logra realizar na vida).

5.º — Algumas respostas, já, se elaboraram a problemas concretos e frequentes em nossas comunidades, as quais se inserem no objectivo central: fazemos

«sociedade sã», que é a «cura radical»?

As nossas Casas são sociedades de tipo familiar. «O padrão da Obra é a família». Na família, os Pais são o vértice ou centro natural da unidade.

O Padre José Maria, apoiando-se em suas dificuldades, inclusive as que resultam da sua idade muito jovem (como aliás, todos os padres da rua), meditou a função unificadora do «Pai de família» que, «por natureza, os padres da rua são».

8.º — Esta paternidade deve



Todas as Casas do Gaiato estiveram presentes. Voltámos ao principio e eis-nos onde começou a Obra da Rua. Daqui partiu o Apóstolo na conquista de novos horizontes, levando atrás de si as gentes...

do a jornada que a carta de Pai Américo nos revela.

1.º — O ponto de partida não interessa. Pode chegar-se muito alto partindo de muito baixo. (Ernesto Pinto, que foi gaiato, depois da Prisão-Escola de Leiria e agora dá a tropa em Tancos.)

2.º — A meio da subida, porém, é frequente o cansaço com tentações de desânimo. Olhar para trás é correr o risco da vertigem e da queda no ponto de partida. (Anastácio, actual Chefe do Tojal).

3.º — Então é indispensável a confiança em nós próprios que, para ser recta, deve apoiar-se nos alicerces da Humildade e da

de cada uma das nossas Casas, uma «sociedade sã». (Afinal é ainda o método de Pai Américo: «...como possuo uma cerebração muito limitada, reduzia sempre os problemas às unidades mais simples e assim ia prosseguindo até as realizar»). O Quim Carpinteiro focou mais de perto a ineficácia dos «bons» isolados, para o saneamento do ambiente.

6.º — O pensamento é sempre o mesmo. Os pontos de vista diferem, como também os observadores. O problema central reduz-se à realização da unidade dos «bons». Só em espírito de «equipe», em ordenação de decisões e de esforços, se pode levar a cabo a grande missão que pesa sobre padres e rapazes chamados a co-

prolongar-se, em certa participação, nos chefes. Nós não somos da técnica do «self-control», como em várias cidades de rapazes, do estrangeiro. «O Padrão da Obra é a Família; vida familiar». «Tudo quanto seja regresso a Nazaré, é progresso social cristão. Não há sistemas. Não há regras. Não há estatutos. Há a intuição».

Por isso os nossos chefes, só entre os mais velhos são da mesma idade. De resto, estão em maturação, estão sempre muito acima dos irmãos que chegam. Daí que a sua fraternidade pode e deve experimentar já algo de paternidade, da nossa paternidade, de que eles são um prolongamento de presença, que por en-



**Já** todos estavam deitados, quando Zeca apareceu à porta do meu quarto: — eu queria falar consigo. Entrou e ficámos os dois de pé, pois a cadeira que costuma lá estar, estava a consertar na carpintaria. Se eu soubesse da grandeza da conversa tão simples do Zeca, tinha ficado de joelhos, para que meus ouvintes peccadores melhor entendessem o mistério do amor da criança.

Zeca, entre soluços, começa a contar. Ele, nesta tarde de calor de trovoadas, havia pedido o chapéu de palha do Chapelinho. Mas a Senhora, como precisasse do chapéu para dar ao Manteigas, que havia de enxotar as moscas que andavam na sardinha a secar ao sol, mandou-o buscar. Zeca refilou e não deu. Vai a senhora e tira-o. Zeca torna a refilar e diz que a Senhora não manda mais no chapéu do que o dono que lho emprestou, e fica-se a resmungar.

No fim do jantar a Senhora chamou o Zeca e mandou-o ir lavar a louça para a copa. Ele vai. Peguei num prato, mas não era capaz de lavar, com os nervos. Fugi e fui para a capela pedir a Deus que me ajudasse. Rezei lá o terço e as orações da noite sozinho. Depois Deus ajudou-me e voltei para a copa e agora, como já aqui não estava ninguém, vim falar consigo. Com muito amor, depusitei um beijo na face rosada do Zeca e ele, com lágrimas, deixou também cair um na minha cara indigna daquela confiança. Saiu e foi continuar a lavar a louça com ategria.

Ajoelhemos e adoremos a presença invisível de Deus. Zeca podia ter fugido de casa e ir por aí fora como outros já têm feito; mas não. Ele acredita na ajuda de Deus e não teve medo. Deu uma grande lição aos homens do nosso tempo. Enquanto estes O negam, o nosso Zeca foi procurá-lo e encontrou-O.

Deste encontro divino, Zeca hauriu força para ver o seu erro e aceitar a razão da Senhora.

Temos de confessar a força da presença de Deus. Ai das nossas

Casas, se os nossos rapazes não acreditassem e sentissem esta presença. Seria o caos. Nem nós, nem chefes, nem portas, nem muros, nem nada. Nada valia. É por isso que as nossas comunidades têm também a capela.

Com muita dor nós sentimos que muitos dos nossos não acatem filialmente a orientação das Senhoras. E contudo, elas dedicam-se-lhes totalmente. Dedicam-se e amor sem esperança de recompensa, a não ser a que dá o Pai do Céu. E o que seria das nossas casas sem elas! Esta não correspondência de muitos, vem da falta do ventre. A maior parte deles não soube o que era o carinho de mãe; não bebeu o leite do amor. Vítimas pela vida fora.

Por fim a confiança. Zeca não quis ir deitar-se sem vir desabafar. Vim falar consigo. Podia não vir. Podia ter medo do senhor director, se eles assim nos considerassem. Mas não. Zeca veio com confiança. Veio ter com o pai. Pai que é também padre. E, por isso, saiu contente. Eis o mistério.

PADRE HORACIO

Sim, com muita intensidade. Através dos seus raios que produzem moléculas de ouro, se viam os frutos duma Obra gerada do Amor!

«É bom ocultar o segredo de um rei, mas é honroso descobrir e publicar as obras de Deus».

Miranda do Corvo desta vez foi o Centro. Aqui vieram os chefes e alguns com responsabilidade procurar qualquer coisa. Eram 45 unidos no mesmo ideal. Começamos pela invocação do Espírito Santo. Era a Obra da Rua a cantar. Os frutos do primeiro e segundo encontro e os Operários a crescer.

«Se para o corpo se procuram remédios, como curar os males da alma?»

Muitos, de muitas terras, que ontem não eram conhecidos, ora estão procurando caminhar. Lapidar, burilar a alma para se poder ser produtivo. Causticar incisivamente as enfermidades. Primeiro os que seguem o Apóstolo, depois os gentios. Podar os ramos secos para que a árvore não seja estéril.

Tudo andou em torno de Pai Américo. O centro, uma carta escrita ao Senhor Correia Neves, em 1924 altura em que já sentia o efeito da martelada.

É por via de um ambiente mais são que nos encontramos no meio desta bela Casa do Gaiato, que tem por fundo o verde da serra da Lousã. Damos as mãos aos timoneiros da grande nau da Obra da Rua. Ela totalmente para os homens. Por Ela, Cristo desce ao tugúrio, lugar do martírio, onde a Cruz do

Pobre é mais pesada. A redenção vem do sofrimento e não há sofrimento sem cruz. Mas a cruz pede cireneu. E a Obra é cireneu para os homens.

O Senhor Padre Manuel leu a carta e todos saborearam. O Ernesto Pinto, ex-recluso, diz da sua amargura, do caminho de escolhos, do tempo que andou por lá.

Escolas. As carteiras em semi-círculo. O sol entra pelas vidraças. Entramos nos corações uns dos outros e o Senhor Padre Manuel António dá o seu testemunho: Quando se encontra Deus, aí a Paz. Há muitos problemas que nos tiram d'Ele. Que os sintamos. Há deles que verdadeiramente nos afligem. O da desconfiança em nós chega a ser doentio. Devemos confiar em nossa força com o auxílio de Deus. Ele nunca realiza sozinho. Pede sempre a colaboração do homem e nós temos que Lhadar. Olhemos o sinal do Sinai: «Tira as sandálias dos pés que é santo o lugar que pisas». Quando Ele manda, vem conosco; e quando vem conosco escusamos de ter medo.

O Zé do Porto disse da sua amargura por ainda não ter sido compreendido e o Joaquim Gomes levanta-se: «Somos muitos são, mas cada qual independente. Não há unidade. Que o chefe seja o fermento da massa. Quando eu estava na casa 3 eles eram meus e eu deles».

A fé levanta-se e nesta diversidade de opiniões é que se vai buscar unidade, de que vai falar Júlio Mendes. Um dos proble-

mas que mais afligia Pai Américo era o da unidade. Tem de estar sempre presente em nós. Ficamos muito contentes que os nossos padres procurem a nossa opinião. Nós temos de ser abertos. Temos de nos entender, conhecer e amar os nossos. A Obra tem de ser nossa para ser dos outros. É por isso que estamos nela. Manter sempre cerrado amor, tanto fora como dentro. Dói que alguns que estão sob nossas telhas, façam cor com aves nocturnas!, com as que agem no subterrâneo.

O sol daquele dia era belo. Brilhava. Dava mais intensidade às flores. O Sr. Padre Baptista fala da universalidade da Obra: O Calvário também é Obra da Rua e ainda não temos a noção exacta do que vai ser. É do mais sublime que Pai Américo sonhou e pensou. Cancerosos, doentes, desiludidos da vida e sem qualquer formação. Temos de trabalhar para que os que partem sejam semente que germine e eleve a Obra, humana e socialmente. Pedir pelos doentes que são a nossa maior riqueza. A Caridade é amor.

O Senhor Padre Carlos acompanhava sempre e para tudo e em tudo punha o dedo: temos de realizar o nosso Padrão de «Santuário de Almas» numa sociedade pura. Temos de seguir dispostos a torneir as mazelas, tendências, a vencer a terrível inércia. Tudo quanto seja «regresso a Nazaré é progresso social cristão».

Senhor Padre Zé Maria falou da missão dura mas quão sublime da Obra da Rua: Devemos estar sempre unidos ao Pai: o homem queimado interiormente pelos filhos. O Pai vive mais prós filhos do que de si mesmo, portanto, a sua vida é deles.

O Cândido disse da vocação matrimonial. Todos os nossos rapazes casados já são pais e aqui a missão duplica. A grande missão é ligar. Nós, pais de nossos filhos e os padres, nossos pais.

O Senhor Padre Horácio também disse o que sentia: «Olhai que estamos a falar em servir e lá fora não se pensa assim. A época é de servir-se. Servir sem outra recompensa que não seja a do Pai do Céu. Se a nossa preocupação fosse dar de comer e vestir, ninguém acreditaria em nós. Só e exclusivamente para elevar humana, social e espiritualmente. Vós sois testemunha daquilo que nos dão».

Vieram também a terreiro e muito bem, dando seus belos testemunhos os colegas Lita, Chico, Crisanto, Martelo e Carlos Trindade, que fecharam este belo colóquio para nos conhecermos melhor uns aos outros e amarmos mais a Obra. Todos procuravam olhar para o irmão mais desamparado, para os pontos que é preciso corrigir. Os que dantes eram lixo gostam de ver o mundo mais airoso.

...E naquele dia o sol brilhou mais!

DANIEL



quanto, os seis padres da rua não podem prestar directamente aos quinhentos e vinte rapazes que Deus lhes confiou.

Esta participação deve ser especialmente intensa por parte dos continuadores. E, já que a maior parte deles realizará a sua vocação de Obra concomitantemente à sua vocação matrimonial, devem dirigir esta no sentido da Obra, com a colaboração consciente da sua Esposa que terá dotado desta mística durante o noivado.

De resto, o estado de paternidade, latente no estado matrimonial, representa um degrau subido na possibilidade de compreensão e comunhão na paternidade dos seus padres.

O Cândido, que ainda há pouco tão bem se preparou, mais a Ana, para a realização deste espírito no seu Lar, foi o relator deste tema.

9.º) Ainda na sequência do assunto anterior, o Xico do Lar de Coimbra disse de como a vida familiar na Obra e o papel dos chefes na sua realização, constituem uma oportunidade rara na preparação do futuro lar de cada um, que os responsáveis gravemente desde já, porquanto o dia de amanhã se constrói, vivendo bem o presente.

★

Resumindo o programa da tarde do dia 2 de Outubro, em que procurámos alguns meios de

reforma colectiva para que as nossas Casas sejam mais e melhor «sociedades sãs» — podemos dizer que tudo se reduz ao desenvolvimento das virtudes de colaboração em ordem à unidade.

Porém essas virtudes não poderão crescer se não sobre outras: as virtudes de preparação para a unidade.

A perspectiva da manhã de 3 de Outubro, Festa de Santa Teresa de Lisieux, visou a reforma individual, sempre ordenada para o bem de todos. A vida dos cristãos existe somente em sociedade santa, a Mãe Igreja, Corpo Místico de Cristo. Falar de bens individuais é um plano de razão, pois que, em realidade, todos eles têm uma referência de duplo sentido ao Corpo Místico.

Sem convicções profundas e assentes, feitas substância de cada um, relativamente às coordenadas fundamentais da espiritualidade de Pai Américo já mais o obreiro poderá bem servir a Obra.

1.º — Começamos pois por examinar e nos examinarmos à luz dessas duas grandezas interdependentes que são o Espírito de Pobreza e a Confiança Providencial.

Padre Horácio falou. Disse mais: Da Pobreza — Libertação. «Como é sublime saber procurar a independência absoluta dos homens e das cousas...»

Padre Horácio disse e muitos falámos, como, aliás, quase sem-

pre, que a reunião era diálogo, principalmente diálogo. A exposição de cada qual apenas um motivo a estimular o diálogo.

2.º — Foram já numerosas e práticas as conclusões; mas achámos melhor que se concretizassem ainda mais e pelo pensamento de um dos rapazes. Por isso o Lita deu-nos a conhecer os frutos da sua meditação sobre formas de realizar a virtude da Pobreza na vida de cada um.

3.º — Sendo a «Obra da Rua» «explosão do sobrenatural», segundo a definiu um dia um douto Jesuíta e a recolheu, contente, Pai Américo — os obreiros, que em certo modo fazem a Obra, não podem produzir a explosão se não forem faíscas sobrenaturais. O menos não dá o mais. O natural já mais poderá ter como efeito o sobrenatural. Não há proporção. Não há continuidade. Entre as ordens da natureza e da sobrenatureza há um abismo que só o Amor infinito pode vencer quando os homens aceitam e colaboram no Mistério da Vontade Salvífica de Deus.

Se nós não cultivamos a vida interior; se não soubermos fazer dela um abaixamento do centro de gravidade, de modo a evitar muitos tombos nas voltas da vida — já mais apresentaremos aquela suficiente estabilidade que pode fazer de nós alicerces prestáveis à Obra, que em certa medida depende de nós.

Ao Martelo coube este ponto. 4.º — E logo a seguir, sem in-

terrupção do pensamento, o Sardinha disse do papel dos Sacramentos na realização da vida de intimidade com Deus, o Sobrenatural Subsistente, Fonte de todo o sobrenatural participado, única causa de toda a faísca, de toda a explosão de sobrenatural.

Tudo é Graça. Ou ela circula em nós — e somos Vivos e transmissores da Vida; ou não circula — e somos a vide bravia que nunca apagará a sede com o vinho que já mais dará.

★

Tivemos ainda o testemunho saboroso do Crisanto. Ele dá a tropa em Santarém. Trouxe-nos casos da sua vida de soldado que ilustraram e nos reeducaram ao pensamento inicial: O que o mundo pensa de nós! Esse pensamento soa aos nossos ouvidos como exigência de resposta inadiável.

Diante de Cristo presente no Sacramento da Eucaristia, adorámos, louvámos, agradecemos, pedimos perdão e aplicámos a graça da fidelidade perseverante.

3 de Outubro de 1959 fica um marco na Obra da Rua: O princípio de uma cruzada corajosa, consciente, apaixonada, contra a mediocridade.

Deus o quer. Cristo o diz: «Quem não toma a Cruz por sua e me segue, não é digno de Mim!»



# FACETAS DUMA VIDA

d

OS regressados, havia dois ou três muito combalidos, atacados de paludismo. Interessou-se o Américo pela vinda de todos para Lourenço Marques, sabendo ele que era essa a opinião do médico que fazia parte da expedição. Com esse fim meteu o seu empenho junto do velho médico do Chinde, conhecido por «Dr. Batatão», que era seu amigo, tinha examinado e medicado os doentes e estava tratando deles em casa do Américo, pois nenhum ficara hospitalizado. É de crer mesmo que o velho

hospital do Chinde, instalado numa barraca de madeira e zinco, não estaria em condições de receber e albergar qualquer deles. O médico, velho e rabugento, acabou por aceder às instâncias do Américo, prometendo mandar apresentar os rapazes à Junta de Saúde em Lourenço Marques. Sucedeu, porém, um caso que ia estragando tudo...

Uma noite, indo o médico procurar o Américo, deparou-se-lhe uma cena que bastante o irritou — uma grande pândega na varanda do edifício, onde se realizava o jantar e em que os doentes (e o estavam de facto) tomavam parte. Mudou logo de ideias, e declarou perentoriamente ao Américo que não mandaria os rapazes para Lourenço Marques, pois não estavam doentes! (Ele mesmo havia reconhecido que o estavam, os medicou e continuava tratando...) Ora o médico, que tinha sido transferido para Quelimane onde contava não se demorar, ignorando se voltaria para o Chinde ou se iria para qualquer outra localidade e não querendo deslocar-se acompanhado de todo o recheio da sua casa, havia pedido ao Américo para lhe guardar os caixotes em que seriam acondicionados o mobiliário e restante «tralha», no armazém da firma em que trabalhava o Américo, tendo obtido deste o consentimento.

dentro de poucos dias... Estamos quites.

Foi-se embora o médico zangadíssimo e esse problema da guarda dos seus caixotes deve ter-lhe causado insónia, nele pensando toda a noite...

No dia seguinte, cedo, foi procurar o Américo, garantindo-lhe que mandaria os rapazes para Lourenço Marques.

— Sendo assim os seus caixotes ficarão guardados no armazém. Pode contar com isso.

E o prometido foi cumprido por ambas as partes, — vindo primeiro os rapazes para Lourenço Marques e entrando depois os caixotes no tal armazém...

Um episódio cómico ainda se deu no Chinde...

Numa visita a um dos doentes instalados em casa do Américo, prescreveu o médico, certa manhã, um clister, recomendando que fosse com água fervida. Apressou-se o Américo nos preparativos para cumprimento da prescrição médica. Passados instantes, entrou no quarto empunhando o irrigador, pronto para executar a operação. O doente, porém, andou a fugir de um lado para o outro da cama, nada disposto a sujeitar-se à mesma. Não teve o Américo outro remédio senão chamar os outros companheiros para o ajudarem a domar o rebelde e dar-lhe o clister à força. Acorreram os amigos, a um dos quais passou o irrigador, verificando com espanto o «ajudante» que a

Ao ouvir do médico a declaração de que não mandaria os rapazes para Lourenço Marques, mas sim outra vez para o Barué, o Américo não esteve com meias medidas dizendo-lhe:

— Olhe, doutor, arranje sítio onde guardar os seus caixotes, pois no armazém da minha firma não podem ficar.

— Então, agora é que me vem dizer isso, quando estou quase a embarcar? Onde é que os vou meter? Você prometeu e agora não cumpre?!

— Meta-os onde quiser e puder. De facto prometi. O doutor também prometeu a ida dos rapazes para baixo e agora vem-me dizer que os não manda, quando contavam com o embarque no primeiro barco,

água estava a ferver. Deu logo o alarme:

— Ó homem! Com esta água escalda as tripas ao rapaz.

— Então! — obtemperou o Américo. O doutor recomendou

que fosse com água fervida.

— Com água fervida, mas não quente como esta.

Esclarecido o assunto, o Américo levou as mãos à cabeça, aflito, imaginando a tragédia que teria resultado se o doente se tivesse sujeitado logo de início ao tratamento. Escusado será dizer que nem com água em condições se conseguiu dar ao doente o clister...

«Os Encanecidos»



## VARANDA de Beire

**P**RESENTEMENTE é meu novo e estimado comensal o Barrigana. De movimentos desconjuntados, olhar vago e fala presa é o caso típico mais frisante, desta Casa do Gaiato. Devora tudo quanto se lhe põe em frente. A ânsia de comer neste pequeno de sete anos é mesmo sintoma nítido de anormalidade que precisamos de corrigir.

Diante dos que vivem aqui, amiudadas vezes reflito no peso insuportável que o anormal, ou mesmo o débil mental, constitui para a família. Sem capacidade para se guiar pela razão, este deixa-se comandar pelo instinto. Se não fica peso morto e inerte torna-se vicioso, prejudicial e intolerável. Rejeitado por todos mais se encarcera em si próprio, para, em consequência, mais se tornar selvagem. É então odiado, detestado e, quantas vezes, enjaulado como perigoso.

Se na família, sofrem pais e irmãos. Se na sociedade, o peso de muitos doentes é *fardo* com que dificilmente se aguenta, mas que forçosamente se carrega, queiramos ou não.

Depois de muito nos ter vergado as costas, estamos hoje a acordar para a solução do problema. Mas vem longe ainda o claro dia.

É sempre a escala de valores reais a grande repugnância. O critério dos mesmos é normalmente tabelado por nós; subordinado aos nossos próprios interesses... materiais. Ora, quanto é humano está-lhes naturalmente sobreposto. Os problemas materiais existem em função dos problemas humanos ou mais altos ainda. O invés será escravatura do espírito à matéria, do homem às coisas.

Ora o caso dos débeis mentais vem em largo prazo descurado entre nós. Tem-se afirmado que, enquanto depararmos com normais para atender e cuidar, não poderemos voltar-nos para os que não o são. Entretanto, estes continuam a pesar fortemente à sociedade, porquanto são membros.

Em paralelo àquela voz corrente acrescentamos também: enquanto houver problemas humanos deixemos todos quantos são de sua natureza puramente materiais.

Bem sabemos que isto é difícil. A fachada conta mais do que os moradores. Todos concordamos em que o homem é superior pela razão. Deveria ser esta, portanto o primeiro objecto de cuidados. Mas, porque importa negociar com roupagens de alto mercado faz-se do homem puro manequim. Porque urge adornar os nossos tempos faz-se do homem o animal de carga dos mesmos enfeites.

Ora nós sentimos intensamente o problema dos diminuídos mentais. É certo que possuem um grau de capacidade mental inferior aos demais homens: mas não lhes podemos atribuir culpa de terem recebido menos talentos. Não os ajudar a render esse pouco que possuem constitui pecado de omissão; e, simultaneamente, ofensa a nós próprios enquanto consentimos em permanecer diminuída a Sociedade de que fazemos parte. Pelo contrário toda a elevação do débil mental é enriquecimento da Sociedade.

Esta Casa do Gaiato de Beire destina-se aos atrasados mentais recuperáveis. Estavam de parte já. Ora, como a vida é sinónimo de esperança, cremos que eles não irão ficar peso morto nas novas classes especiais de ensino, que temos aqui a principiar. Não temos pretensões. Apenas interesse e muito amor a estes rapazes, com um desejo sincero de, assim, os libertar da ignorância crassa, do vício e das cadeias.

Padre Baptista

# MARÉ CHEIA

continuação da página um

levar a final o meu designio. Como é sublime saber procurar a independência absoluta dos homens e das coisas, e só o pode fazer quem aprende a confiar na Providência, não nas riquezas grangiadas. Como é sublime saber dar ao espírito a primazia no desenrolar da vida, viver por ele e para ele, desejar sinceramente levar o bem às almas do nosso semelhante, sem mira em recompensas.

Como é suave sofrer com resignação e paciência os revezes da vida, tomá-los como vindos da mão da Providência, recebê-los com humilde sujeição à vontade de quem os manda. Vê nisto doídice, S.? Tudo isto eu sinto; são tudo palavras da alma.

Quando me vier visitar há-de passar comigo dois dias no convento. Quero que tome parte na nossa vida real e activa; que veja como se sabe empregar todos os minutos desde a alvorada até ao deitar; que goze da familiaridade e simplicidade dos frades, tudo gente culta, alguns excepcionalmente inteligentes, respirando felicidade por todos os poros não daquela que se deseja aí fora, que é o máximo de tudo mas daquela que nos faz felizes, que é ter o que Deus quiser que tenhamos.

Dizia-me numa das últimas que tinha comprado um livro que ensina a ser feliz! Rasgue-o. Eu tenho aqui um muito melhor, sem folhas, mas que contém todas as verdades a este respeito. É por ele que há-de aprender. Por enquanto não, mas em breve espero ter tempo de começar umas pequenas conferências epistolares consigo. Hei-de trazê-lo à luz da razão e à verdade das coisas. Nós andamos engana-

dos aí fora, S.. Somos uns ignorantes atrevidos. Eu falo com experiência pessoal, e não estou doido. Você há-de ser dos meus. Todos os dias o vejo e sinto nas minhas «conversas» íntimas com o Invisível. Sei que me não sente, porque os nossos espíritos não são ainda homogénios, mas não-de ser. Uma alma como a sua não se pode perder. Não pode nem deve morrer consigo. Nós havemos de continuar a ser amigos na vida do além. Diz-me você que eu preciso de carinhos humanos; sim. Preciso. Preciso do seu e do de almas semelhantes. Procurando, como estou fazendo, a independência dos homens e das coisas, havia de sofrer imenso se soubesse ou sentisse que me furtava o seu carinho. Portanto acorde e anime-se porque você no seu elemento e eu no meu, havemos de purificar os nossos espíritos em comunhão de amor e de ideias.

Américo

